

Macaio Poetônio evoca uma poesia indigesta, infestada de quebras, interrupções e desfechos pessimistas. Não há sentido no sonho limpo do sucesso. Seu texto, feito um pé imundo que varre restos de comida em uma casa inóspita, revela as mazelas da sociedade. Toda essa gama abjeta de relações que perpassa o desespero é um cenário devastado por fragmentos, ruínas e labirintos passíveis de perder-se.

Gustavo Berbel e Luís Perdiz



Macaio Poetônio

OS BARES DO ESTADO

OS BARES DO ESTADO

Macaio Poetônio

OS BARES DO ESTADO

poesia

Macaio Poetônio



OS BARES DO ESTADO

INFÂNCIA

*no precipício dos sonhos
onde começa o corpo
secam as lágrimas de sangue
exasperadas*

*enquanto os bonecos cozinham
mais pesadelos
a memória dos caminhos antigos
são penumbras extintas
para os olhos*

*mas a felicidade
escondida
atrás dos rabos de elefantes viris
abre as bananas na mesa
esperando pelo meu amor*

por um jato inscreve em nuvens na cidade
cobras de sílabas longas anunciando o fim do mundo
barbas de barrigas lisas salgando sapos
olhos mirando o descomedimento de suas
palavras depiladas uma saudade metálica
o firmamento do crepúsculo no horizonte afogado
pedacinhos de céu amassados a meus pés

CASA

I.

A mesa de jantar e
os sorrisos engolidos
junto ao nosso secreto
roçar de pelos.

As conversas de
assombro
coadas
com açúcar.

II.

Os dedos comem
miolos de pães
já secos,
as armaduras tombam
já alheias.

As peles sujas
caem
no meu caderno
de poesia
e lavam
nossa casa.

SANTÍSSIMA ANDRADE

Às vezes te encontro pelas ruas de São Paulo
mas se de longe é de perto não é.
Fantasiado de vizinho sempre me assusta
enquanto espia pela janela.
Vestido de professor entra na sala palestrando
sobre seus tormentos econômicos.

Como mendigo, vem fumar meu baseado
pelas ruas de São Paulo
e eu digo sim, claro, meu pai.
Nos embriagamos e decido morar com você
pelas ruas de São Paulo
e você diz sim, claro, meu filho.

Na Igreja da Sé
derramamos nosso sangue tentando impedir
meu nascimento.
Logo você se cansa e começa a lamber
tudo de volta.
Eu mergulho no meu rio vermelho
e no entanto sigo vivo distribuindo dor.

Desde esse dia
nunca mais te vi,
pai.

Me ceguei tentando não te ver,

>

me adoeci tentando não te ver,
pelas ruas de São Paulo.

Agora é de tarde
e esmolando na avenida Paulista surge
uma aparição branca que quer minhas migalhas.
Ela me persegue pelas ruas de São Paulo.
Me bica, voa, é incansável:
quer minha morte. Eu sigo fugindo.

Que fantasma antigo vem me acertar?
Fiz tudo tentando não te ver.
É possível?
É você,
pai?
É você, que sangra meus olhos mortos
uma última vez?

Se aninhe no meu umbigo, se aqueça
no meu intestino.
Enquanto escrevo
pelas ruas de São Paulo e
nos transformamos em horror
nessa
Santíssima Andrade.

CIÊNCIA

, mas os elefantes de livros
desabam como defuntos
incômodos. E eu,
melhoria viciada das datilógrafas,
distráida na boca do
caos, assisto à dança
macabra da família
brasileira aquecer nossas
almas e

NOSTALGIA

I.

meus olhos não veem mais
a poesia da poeira ao
levantar enquanto sentados
de mãos juntas bebemos
mais uma catuaba tão
barata quanto nossos sonhos
frágeis jovens a curto
prazo ainda sinto saudades
do tempo em que cantava
e dançava sozinho escondido
na sala

II.

com uma pinça pegar
suas pintas belas pelas
suas costas seu corpo
já velho mas ainda morno
como o café requentado quase
frio como suas mãos que
me apertam quando rodamos
pelos lençóis sujos da
porra endurecida
o sangue amarelado
de caminhos

III.

se esconder embaixo da saia
varrendo os baldes de cinzas debaixo do tapete trancado
no armário não ganha bronca

CAMINHADOR DE LOBOS

eu
fabricador de silêncios
eu
montanha uivante / lua cheia

(nos cantos da cidade / buracos de sinuca
urubus varejando / gravatas sinistras)

eu
mero traço desenhado calmamente por
apenas mais um sério menino da poesia
eu
som refletido na tela negra
cegos encaram minha matéria

(o nosso duro chão de todo dia /
nossa roupa rasgada de cada dia
os exércitos da salvação calando a revolta /
nossos intestinos pendurados na faca)

eu
caminhador de lobos / nostalgia elétrica
eu
assassino de desejos

ÍNTIMO

pequenas paixões por
cada pouco segundo
não como do amor
os pés que lambo
desesperadamente toda noite

que valor tem
a minha força
pelos pequenos dedos
senão as curtas
vagas palavras de boca
solta
como do cão
que deseja
a carne que não mastiga

os ouvidos não fecham
a boca abre e seca
por dentro
são dedos molhados
acariciando meus órgãos fechados

cale-se
e ouça minha voz rouca
significando nada
alcançando nada
buscando nada

cale-se
meu olhar tem
necessidades de lonjuras
(restos de passados)
de seu pescoço liso reto
esmagado em prazer
entre minhas
unhas sujas

RELIGIÃO

jesus se irritou quando
uma
figueira recusou
servi-lhe seus frutos

então
cheio de graça e ira
jesus ordenou
a planta secasse:
por inteira
alcançar a morte

jesus se virou
disse a seus
discípulos:
fé e oração possuem
força suficiente de
mover montanhas

Nosso

cancioneiros vazios
entoados lentamente
nas varandas do desejo

eu comendo as jabuticabas do crânio
você cavando os buracos da barriga

borboleta preta dos nossos sonhos
gracejando pelas esquinas invisíveis
volejando sua bolsa de ouro por pólen

borboleta preta dos nossos sonhos
devorando diária fábricas de grama
desfazendo feliz camas e bolsos